



**VI Jornada Ibero-Americana de Pesquisas
em Políticas Educacionais e
Experiências Interdisciplinares na Educação**

13, 14 e 15
junho de 2022

ISSN: 2525-9571

Vol. 6 | Nº. 1 | Ano 2022

Autor1
CLAUDIA LUÍZA
MARQUES

Instituto Federal de Brasília
claudia.marques@ifb.edu.br

Eixo TEMÁTICO: Educação, Ciência,
Tecnologia e Informação.

LETRAMENTO INFORMACIONAL:
informação e desinformação nos tempos da
COVID-19

INFORMATION LITERACY:
information and desinformation in the
times of COVID-19

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir a tensão gerada nas pessoas, a partir da desinformação, da noticiabilidade falsa, da noticiabilidade negativa e da importância do Letramento Informacional na identificação da responsabilidade social da informação reportada em tempos da COVID-19. Trata-se estudo de revisão bibliográfica sobre os principais temas, a saber: desinformação, *fake news* e Letramento Informacional e a aplicação de um questionário via *Google drive*. Os resultados da pesquisa mostram que a mídia tradicional e as redes sociais são os principais veículos procurados na busca e no uso da informação. Conclui-se que o sujeito letrado informacionalmente apresenta melhor desempenho ao lidar com o fluxo excessivo de informação, principalmente em um cenário de alarmismo e sensacionalismo.

Palavras-chave: Informação. *Fake news*. Letramento Informacional.

ABSTRACT

This article aims to discuss the tension generated in people, from the disinformation, the fake news, the negative news and the importance of Information Literacy in identifying the social responsibility of the reported information in times of COVID-19. This is a literature review study on the main themes, namely: disinformation, fake news and Information Literacy and the application of a questionnaire via Google drive. The results of the research show that traditional media and social networks are the main vehicles sought in the search and use of information. It is concluded that the informationally literate subject performs better when dealing with the excessive flow of information, especially in a scenario of alarmism and sensationalism.

Keywords: Information. Fake news. Information Literacy.

1. INTRODUÇÃO

Uma nova realidade, desafiadora e complexa, surge a partir de mudanças e de transformações pelas quais o mundo passa e ela está relacionada, também, ao novo cenário resultante da pandemia da COVID-19. Entende-se, pois, que essas mudanças, transformações e novo contexto, advindo da pandemia, exigem da escola o repensar dos métodos adotados no processo ensino-aprendizagem no que se refere à busca e ao uso da informação.

Pode-se, ainda, afirmar que uma das principais características da sociedade contemporânea é o aumento do fluxo de informação, principalmente no que se associa à pandemia. Atualmente, o volume de informação disponível aumentou tanto, que não só ficou difícil mensurá-lo em termos de quantidade e qualidade, mas, acima de tudo, ficou complexo compreender como isso está influenciando a vida das pessoas. Esse fenômeno faz pensar se esse fluxo de informação excessivo contribui para aumentar conhecimento, ou, se na verdade, apenas serve para favorecer narcisismos e novas formas de controle (SANCHO-GIL; HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, 2018, **tradução nossa**). Assim, tendo em vista essas e outras questões relacionadas à informação, muitos pesquisadores já fomentam discussões referentes à implementação do Letramento Informacional no âmbito escolar como alternativa para aperfeiçoar o fluxo de informação e gerar conhecimento (cf. GASQUE; TESCAROLO, 2010; SIQUEIRA; SIQUEIRA, 2012; SILVA, 2017).

A respeito de práticas sociais necessárias, Jones-Jang, Mortensen e Liu (2021, p. 383) explicam que, embora a natureza descentralizada e participativa da comunicação digital contribua para a diversificação do processo de difusão do conhecimento, também promove a necessidade de se desenvolverem formas de avaliar a exatidão da informação. Nesse aspecto, destacam a importância do LI para o combate às notícias falsas (*fake news*). Assim, somente se considera o sujeito competente em informação quando ele sabe efetivamente como buscar e usar a informação de acordo com suas necessidades (MATTOS, 2019).

Nesse contexto apresentado, de mudanças constantes, transformações e novo panorama desenhado pela COVID-19, o Letramento Informacional (LI) surge como alternativa orientadora e instrutiva. De acordo com Gasque (2012, p. 19), o processo de Letramento Informacional “capacita os aprendizes a buscar e usar a informação de maneira eficiente e

eficaz. Transcende a alfabetização informacional ou a mera decodificação de um código, possibilitando a aplicação desses processos no cotidiano”.

Nesse sentido, o objetivo desse estudo é discutir a tensão gerada nas pessoas, a partir da desinformação, da noticiabilidade falsa, da noticiabilidade negativa e da importância do Letramento Informacional na identificação da responsabilidade social da informação reportada em tempos da COVID-19.

Sobre a metodologia, a qual será detalhada à parte, este estudo iniciou-se por meio de uma revisão bibliográfica sobre os principais temas, a saber: desinformação, *fake news* e Letramento Informacional. Em seguida, foi aplicado um questionário via *Google drive*.

Defende-se, portanto, no presente artigo, que o Letramento Informacional pode contribuir, de alguma forma, no combate à desinformação e à *fake news*. Conforme são apresentadas as temáticas, tal argumento se configura como contribuição para o desenvolvimento de novas práticas no processo ensino-aprendizagem relacionadas à busca e ao uso da informação.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: AS TEMÁTICAS

Nesta seção, elencam-se os estudos de autoras e autores do tema abordado e suas considerações teóricas relacionadas aos principais conceitos.

2.1. Desinformação

De acordo com Brisola e Bezerra (2018, p. 3319), a desinformação é:

[...] um conceito antigo que nasce ligado a projetos militares de contrainformação e espionagem, mas extrapola para os meios de comunicação e para aparelhos privados e estatais. A desinformação pode estar presente em livros de história ou em discursos políticos, em histórias em quadrinhos ou em jornais de ampla circulação.

Constata-se, então, que a desinformação é um fenômeno comum na sociedade, além de ser antigo. Os autores, ainda, ressaltam uma das características de tal fenômeno, a qual é “a utilização da bandeira da opinião pública, pelos meios de comunicação, para propagar a opinião que lhe convém, incluindo em suas informações noções de generalização popular” (BRISOLA, BEZERRA, 2018, p. 3320). Essa proposição leva a concluir que a desinformação

está mais relacionada à opinião que aos fatos.

Brito (2015), por sua vez, em tese intitulada “Poder informacional e desinformação”, propõe conceituar o que seja desinformação. Para ele, a desinformação pode ser entendida como “informações falsas, distorcidas ou enganosas fornecidas a um determinado adversário com a pretensão de que este tome decisões lastreadas por uma leitura equivocada de realidade” (BRITO, 2015, p. 51). E ele acrescenta que a desinformação é o uso de mentiras que busca iludir ou falsear, o que produz conhecimento distorcido sobre determinado fato.

Ainda, de acordo com Brito (2015), existem três significados que podem ser atribuídos ao termo, cujas definições são: ausência de informação (em certa situação há a precariedade informacional resultante da ignorância do sujeito em relação a determinado assunto); informação manipulada (informação como estratégia de manipulação política e ideológica); e engano proposital (ação proposital para desinformar alguém, de maneira a enganá-lo). Ele ressalta que “não existe desinformação sem o propósito do desinformador, bem como o objeto da ação, o desinformado” (BRITO, 2015, p. 59).

Aqui se destaca que desinformação é um fenômeno diferente de *fake news*, porque se entende que aquele vai além das reflexões e discussões sobre este. Por esse motivo, o fenômeno de *fake news* é tratado a seguir.

2.2. *Fake news*

Brisola e Bezerra (2018, p. 3320) explicam que *fake news* são “todas as formas de informações falsas, imprecisas ou enganosas, formuladas, apresentadas e divulgadas com o objetivo de causar intencionalmente danos públicos ou com fins lucrativos”.

Quandt *et al.* (2019, p. 1, tradução nossa) explicam que *fake news* é uma expressão que se popularizou e politizou durante o ano de 2016 com as eleições nos Estados Unidos. E para reagir a essa ascensão no debate público, numerosos acadêmicos tentam defini-la com maior precisão para uso científico. De acordo com o seu entendimento, a maioria define o fenômeno como uma forma específica de conteúdo intencionalmente fabricado.

Sobre isso, Menezes (2018, p. 37) afirma que realmente a expressão foi banalizada em 2016 e que “Donald Trump começou a usar a expressão *fake news* em 2017 e pouco tempo

depois estava banalizada na opinião pública. A apropriação do conceito levou ao seu desvirtuamento”. E, para ele, há quem defenda que o termo não é o correto para definir o fenômeno da desinformação. Menezes (2018, p. 47), após algumas considerações sobre desinformação e as motivações que levam à *fake news*, dentre outras reflexões define a expressão como “um documento deliberadamente falso, publicado *online*, com o objetivo de manipular os consumidores”.

2.3. Letramento Informacional (LI)

Considera-se que Letramento Informacional (LI) é o letramento emergente na contemporaneidade, por sua natureza integradora e inclusiva. E, de acordo com Gasque (2010, p. 83), o LI “constitui um processo que integra as ações de localizar, selecionar, acessar, organizar, usar informação e gerar conhecimento, visando à tomada de decisão e à resolução de problemas”.

Gasque (2012, p. 27) afirma, ainda, que, “embora assunto relativamente novo, o Letramento Informacional desperta grande interesse de pesquisadores, em especial por possibilitar a melhoria da aprendizagem mediante o aprender a aprender”. Para a pesquisadora (2013, p. 5), ao longo desse processo de LI, estudantes desenvolvem “competências para identificar a necessidade de informação, avaliá-la, buscá-la e usá-la eficaz e eficientemente, considerando os aspectos éticos, legais e econômicos”.

Santini (2016) referencia Gasque (2013), quando afirma que o LI é importante para tomadas de decisão e resolução de problemas, pois envolve o processo da busca da informação até o seu uso, criando uma relação entre o sujeito e as informações. E, a partir do LI, é possível “a formação da autonomia dos estudantes, estimulando a capacidade de utilizar diversos meios de busca de informações para suprir suas necessidades e ainda incentivar a aprendizagem ao longo da vida” (SANTINI, 2016, p. 83).

E Pinheiro e Araújo (2015) entendem que práticas de LI evidenciam preocupação com a construção do conhecimento associado a valores sociais. Para os autores, essas práticas devem ser realizadas de forma reflexiva e analisadas de modo crítico. Assim, para eles, aprendizes, em contextos sociais e culturais, terão condições de buscar e usar a informação de acordo com as reais necessidades.

Jones-Jang, Mortensen e Liu (2021, tradução nossa) explicam que o LI está positivamente associado às *fake news*, uma vez que para melhorar a capacidade em diferenciar as notícias falsas das verdadeiras é preciso promover o Letramento Informacional a fim de aprimorar as habilidades informacionais das pessoas e, dessa forma, torná-las aptas em determinar a credibilidade de uma informação. Ademais, de acordo com Gasque (2012), o Letramento Informacional objetiva adaptar e socializar os sujeitos na sociedade da aprendizagem. Mas para isso ocorrer, conforme a autora diz, o indivíduo precisa desenvolver as seguintes capacidades:

- determinar a extensão das informações necessárias;
- acessar a informação de forma efetiva e eficientemente;
- avaliar criticamente a informação e suas fontes;
- incorporar a nova informação ao conhecimento prévio;
- usar a informação de forma efetiva para atingir objetivos específicos;
- compreender os aspectos econômico, legal e social do uso da informação, bem como acessá-la e usá-la ética e legalmente (GASQUE, 2012, p. 32).

Diante do exposto, entende-se, portanto, que o LI pode auxiliar ou aprimorar métodos de ensino. Trata-se de usar a informação a favor da educação, promovendo maior desenvolvimento (social-pessoal-profissional) e, além disso, viabilizando melhor e mais amplo acesso ao conhecimento e à interatividade.

Para encerrar a fundamentação teórica, embora se constate a linha tênue que difere desinformação de *fake news*, entende-se que ambos os fenômenos criam realidades manipuladas ou deturpadas, as quais confundem ou até prejudicam os sujeitos.

Sobre essa questão, Gomes e Penna (2020, p. 5) atestam que o Letramento Informacional pode “despertar a capacidade de discernir os vieses contidos nos discursos veiculados na mídia, capacitando as pessoas a uma visão menos conformista sobre assuntos de interesse individual e coletivo em âmbito local e global”.

3. METODOLOGIA

A metodologia parte de pesquisa bibliográfica, em que busca distinguir os conceitos de desinformação e *fake news*. Sobre o Letramento Informacional foram utilizados conceitos e proposições defendidos na tese, em andamento, da autora desse estudo. Em seguida foi aplicado um questionário, através do *Google drive*. O referido questionário foi enviado para

os *e-mails* dos professores do campus Gama do Instituto Federal de Brasília (IFB); para os das turmas de Licenciatura em Química; para os das turmas do curso técnico em Química; e para amigos e familiares. Buscou-se uma amostra diversificada que não contemplasse apenas sujeitos com ou em formação acadêmica. O questionário teve o objetivo de coletar dados acerca de como as pessoas lidaram com o volume excessivo de informações durante a pandemia e da tensão gerada nelas a partir da desinformação e das *fake news*.

4. RESULTADOS E ANÁLISES DOS DADOS

O questionário foi respondido por 117 participantes, num período de 30 dias, em maio de 2020. Importante ressaltar, aqui, que em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. Esse questionário foi estruturado com 10 questões, em que se buscou caracterizar o perfil dos respondentes e a forma como eles lidaram com a busca e o uso da informação referente à pandemia. Dentre essas perguntas, 6 foram fechadas e 4, abertas. Dada a necessidade de uma abordagem mais sucinta do tema, são apontadas apenas as questões mais relevantes relacionadas a este estudo.

A questão, sobre o perfil dos respondentes, abordou cinco aspectos (sexo, renda, escolaridade, idade e região), conforme mostram os dados a seguir: a) Sexo: 68,4% eram do sexo masculino e 31,6%, feminino; b) Renda: 61,5% tinham uma renda maior que 5 salários mínimos; 30,8% com renda acima de 1 salário mínimo até 5 salários; 5,1% até 1 salário mínimo; e 2,6% declararam-se sem renda.; c) Escolaridade: 45,3% tinham pós-graduação; 33,3% com superior completo; 14,5% tinham ensino médio completo ou incompleto; 3,4% com mestrado; 1,8% superior incompleto; 1,7%, fundamental completo ou incompleto; d) Idade: 47% tinham de 31 a 50 anos; 35,9% acima de 50 anos; 10,3% com 19 a 30 anos; 6,8% até 18 anos; e) Região: 65,8% eram do centro-oeste; 25,6% do sudeste; 6% do nordeste; 2,6% do sul.

Sobre o perfil dos respondentes, alguns dados merecem atenção. Impressiona, por exemplo, o número significativo de participantes do sexo masculino, ultrapassando o dobro de participantes do sexo feminino. A renda também é um fator interessante, uma vez que a maioria declarou salário de alto nível em comparação à realidade comum aos brasileiros. O número de pessoas com renda baixa ou sem renda ficou num patamar quase insignificante.

Esses dados, relativos à renda, não surpreendem quando se verifica a escolaridade dos sujeitos. Observa-se que a maioria, 78,6%, tem pós-graduação ou superior completo. A idade demonstra que o grupo participante é formado, em sua maioria de adultos, na faixa dos 50 anos. Sobre a região, os dados não surpreenderam, tendo em vista que predominou a região centro-oeste, onde a pesquisa foi realizada.

Outra questão foi sobre qual é (ou quais) era(m) a principal fonte de informação. O gráfico 1, a seguir, apresenta as respostas obtidas.

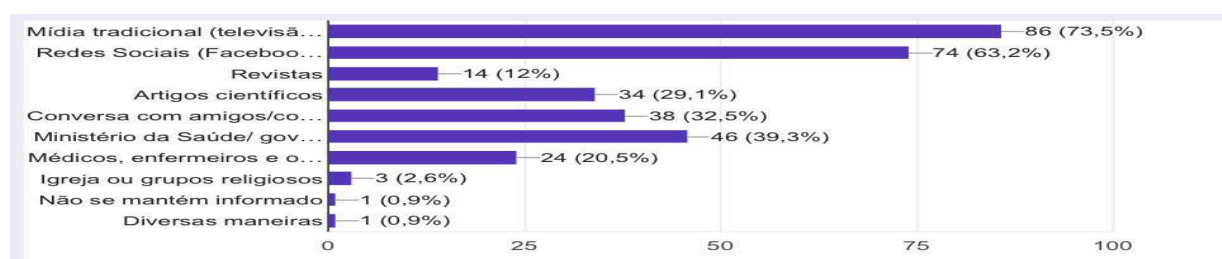


Gráfico 1 – Questão 2 do questionário aplicado.

Nessa questão os participantes podiam escolher mais de uma opção. Conforme demonstra o gráfico 1, grande parte dos respondentes recorrem à mídia tradicional (televisão, rádio, jornal e sites de notícias da grande imprensa), representados por 73,5%; e às redes sociais (*facebook*, *youtube*, *instagram* e *whatsapp*), 63,2%. Sobre as mídias, Gregolin (2007, p. 16) explica que elas “desempenham o papel de mediação entre seus leitores e a realidade. O que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta”. Nesse aspecto, entende-se que elas criam uma ilusão à qual o sujeito se apega como forma de fuga da realidade concreta a que se depara. Em relação às redes sociais, Aguiar (2008, p. 3) defende que elas podem ser estimuladas “por indivíduos ou grupos com poder de liderança, que articulam pessoas em torno de interesses, projetos e/ou objetivos comuns”. E acrescenta que “os participantes deste tipo de rede podem se articular tanto como indivíduos quanto como atores sociais – neste caso representando (ou atuando em nome de) associações, movimentos, comunidades, empresas etc.”. Isso se constata que, em muitas situações, os sujeitos, ao receberem uma informação, pelas redes sociais, geralmente a compartilha com

outras pessoas, buscando conexão ou criando uma visão coletiva sobre determinado assunto.

Uma questão era se o respondente confirmava a autenticidade da informação recebida. 87,2% alegaram verificar a autenticidade, enquanto apenas 12,8% afirmaram que não. Os principais motivos apontados para a verificação foram: desconfiança em relação à fonte e o desejo de replicar apenas informações confiáveis. Já o principal motivo para a não verificação foi o bom senso de não ficar apurando todo tipo de notícia.

Quanto à frequência de recebimento ou conhecimento de alguma mensagem falsa (*fake news*) sobre a COVID-19, através das Redes Sociais (Facebook, Youtube, Instagram, etc.) ou do WhatsApp, 49,6% disseram ter recebido algum tipo todos os dias e 47,9%, quase todos os dias. Sobre esse ponto, 44,4% sentiram-se angustiados ou apreensivos, mas buscaram mais informações sobre o assunto. E 32,5% ficaram indiferentes ou ignoraram a informação recebida.

Por fim, afirmou-se que uma informação neutra (nem pessimista nem otimista) não significa que ela seja sem propósito ou sem influência no comportamento do usuário. E, nesse sentido, na opinião do respondente, que tipo de informação poderia contribuir na prevenção à COVID-19. A maioria defendeu como tipo ideal a informação verdadeira, imparcial, sem manipulação e de fonte confiável.

Os dados desta investigação comprovam que a disseminação de falsas notícias sobre a COVID-19, sem fonte confiável ou imparcialidade, tem a intenção de desinformar. No entanto, os sujeitos participantes, de acordo com o perfil apresentado, para não serem enganados ou manipulados, ao receberem ou buscarem a informação, preocupam-se com a fonte, a confiabilidade e a credibilidade antes de a repassarem. Eles, ainda, demonstraram que essa preocupação com a busca e o uso da informação foi mais importante para eles, tendo em vista o cenário alarmante provocado pela pandemia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constata-se que o aumento do fluxo da informação influencia a maioria das áreas da vida, seja social, pessoal, profissional ou de ensino. Nesse contexto, o Letramento

Informacional torna-se essencial, uma vez que prepara o sujeito para lidar eficiente e eficazmente com as informações em qualquer situação.

Uma observação sobre as limitações do presente estudo. Percebeu-se, tendo em vista a coleta de dados, que o grupo participante, pela formação acadêmica e posição social, demonstrou ser letrado informacionalmente. Constatou-se, assim, que a maioria tem conhecimento de como buscar e usar a informação de maneira eficaz e eficiente. Nesse aspecto, embora a amostra tenha sido aleatória, houve a participação muito pequena de adolescentes, jovens e pessoas de baixa renda. Em decorrência dessa lacuna, entende-se que os resultados podem não ser totalmente significativos e conclusivos no sentido de se apontarem estratégias de busca e de uso da informação.

Nesse sentido, defende-se que é fundamental que se realizem e se aprofundem pesquisas que contemplem como os estudantes, jovens e pessoas de baixa escolaridade e de condições sociais menos favorecidas lidam com a busca e o uso da informação. Portanto, uma vez que os sujeitos desse estudo se mostraram letrados informacionalmente e, por esse motivo, souberam tratar com o volume excessivo de informações sobre a COVID-19; confirmou-se que é imprescindível a implantação do Letramento Informacional no âmbito escolar a fim de oportunizar que todos os cidadãos saibam lidar com a informação e reconhecer o que seja desinformação ou *fake news*.

6. REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Sonia. Redes sociais na internet: desafios à pesquisa. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Anais: Santos, 2007. p. 1-15.
- BRISOLA, A.; BEZERRA, A. C. Desinformação e circulação de “*fake news*”: distinções, diagnóstico e reação. In: **XIX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XIX ENANCIB)**. 2018.
- BRITO, W. P. **Poder informacional e desinformação**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de PósGraduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2015, 550 p.
- GASQUE, K. C. G. D. Arcabouço conceitual do Letramento informacional. **Ciência da Informação**, v. 39, n. 3, p. 83-92, 2010.
- GASQUE, K. C. G. D. **Letramento informacional: pesquisa, reflexão e aprendizagem**. Brasília: Editora FCI/UnB, 2012, 175 p.
- GASQUE, K. C. G. D. Competência em Informação: conceitos, características e desafios. **AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento**, v. 2, n. 1, p. 5-9, 2013.

GASQUE, K. C. G. Dias; TESCAROLO, R. Desafios para implementar o Letramento Informacional na educação básica. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, abr. 2010.

GOMES, S. F.; PENNA, J. C. B. de Oliveira; ARROIO, Agnaldo. *Fake news* científicas: percepção, persuasão e letramento. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 26, 2020.

GREGOLIN, M. Análise do discurso e mídia: a (re) produção de identidades. **Comunicação mídia e consumo**, v. 4, n. 11, p. 11-25, 2008.

JONES-JANG, S. M.; MORTENSEN, T.; LIU, J. Does media literacy help identification of fake news? Information literacy helps, but other literacies don't. **American Behavioral Scientist**, v. 65, n. 2, p. 371-388, 2021. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0002764219869406> Acesso em março de 2022.

QUANDT, Thorsten *et al.* Fake news. **The international encyclopedia of journalism studies**, p. 1-6, 2019.

MATTOS, M. H. S. **O caminho da nova escola: inserir-se na era digital**. Rio de Janeiro: Quartet, 2019, 231 p.

MENESES, J. P. Sobre a necessidade de conceptualizar o fenómeno das fake news. **Observatorio (OBS*)**, n. 1, p. 37-53, 2018. Disponível em: <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/1376/pdf> Acesso em março de 2022.

PINHEIRO, R.; ARAÚJO, J. Práticas de Letramento informacional demandadas na elaboração de material didático para o ensino on-line. **Revista Linguística**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 11, número 2, dezembro de 2015, p. 193-207.

SANCHO-GIL, J. M.; HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, F. La profesión docente en la era del exceso de información y la falta de sentido. **Revista de Educación a Distancia (RED)**, n. 56, p. 2-23, 2018.

SANTINI, L. A. **A biblioteca como espaço-tempo de aprendizagens e de desenvolvimento da Competência Informacional**. 2016. 121 p. Dissertação de Mestrado em Educação, Centro Universitário La Salle, Canoas, 2016.

SILVA, Z. C. **Adaptação de apresentação de conteúdos de objeto de aprendizagem considerando estilos de aprendizagem**. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Informática, Curitiba, 2017.

AUTORA: CLÁUDIA LUÍZA
MARQUES

Professora de Língua Portuguesa – Instituto Federal de Brasília
Doutoranda em Ciência da Informação – Universidade de Brasília
Mestre em Educação (UnB)